

**Feminismos Globais
Estudos de caso comparados
de Mulheres Militantes e Intelectuais**

BRASIL

Maria de Fátima Lima Santos

Entrevistadora: Sueann Caulfield

**Rio de Janeiro, Brasil
julho de 2014**

**University of Michigan
Institute for Research on Women and Gender
1136 Lane Hall Ann Arbor, MI 48109-1290
Tel: (734) 764-9537**

**E-mail: um.gfp@umich.edu
Website: <http://www.umich.edu/~glbfem>**

© Regents of the University of Michigan, 2015

Fátima Lima. Nordestina. Feminista. Antropóloga. Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/IMS/UERJ. Pós doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social/PPGAS do Museu Nacional/UFRJ Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É autora do livro em formato e-book "Corpos, Gêneros, Sexualidades - políticas de Subjetivação" publicado pela Editora Rede Unida e do livro "Corpos, Gêneros, Sexualidades - políticas de subjetivação" 2ª edição Revista e Ampliada.

Sueann Caulfield é Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Michigan. Foi diretora do Center for *Latin American and Caribbean Studies* (LACS) (1999-2004) e atualmente dirige o *Brazil Initiative Social Science Cluster*. É especialista em história do Brasil contemporâneo, com ênfase em gênero e sexualidade. Ela recebeu vários prêmios e bolsas da *Fullbright Commission*, *National Endowment for the Humanities*, e *American Council of Learned Societies*. É autora de, entre outros, o livros *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, *Honor, Status and the Law in Modern Latin American History* (organizado em co-autoria com Sarah Chambers e Lara Putnam), e vários artigos sobre gênero e historiografia, e direito de família, raça e sexualidade no Brasil. Sua pesquisa atual versa sobre história da família, com particular ênfase na história da paternidade e legitimidade no Brasil do século XX. Ela é particularmente interessada no tema dos direitos humanos na América Latina, e vem participando de uma série de workshops, projetos transnacionais de ensino e intercâmbios sobre temas como justiça e ação social.

O **Projeto Global Feminisms**, localizado na Universidade de Michigan, foi iniciado em 2002 a partir de um financiamento para projetos interdisciplinares em parceria com instituições de outros países. O arquivo virtual inclui entrevistas com mulheres ativistas e intelectuais do Brasil, China, Índia, Nicarágua, Polônia e Estados Unidos.

Nossas colaboradoras no Brasil são pesquisadoras do Laboratório de História Oral e Imagem – [Labhoi](#), da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Núcleo de História, Memória e Documento ([NUMEM](#)) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). As entrevistas no Brasil foram realizadas com apoio do *Third Century Learning Initiative* e *the Brazil Initiative at the University of Michigan* e, no Brasil, da FAPERJ e do CNPq.

Sueann Caulfield: Então, para começar, você poderia falar um pouco sobre o seu trabalho atual, na área de gênero, de direitos de mulher, feminismo?

Maria de Fátima Lima Santos: Como você colocou, eu sou antropóloga, tenho formação de doutorado no campo da saúde coletiva, e eu dou aula nos cursos da área de saúde, principalmente no curso de Medicina. Aí depende como é que eu vou colocar: eu tenho tanto trabalho para dentro da academia quanto fora dela, porque no meu entender a academia, toda a minha formação desde a minha graduação em Ciências Sociais, até a minha vida profissional - hoje eu tenho 40 anos - pra mim sempre foi indissociável a formação da militância. Então essa separação que teve, de um lado a academia e de outro lado a militância, então a minha vida acadêmica é uma vida de militância, então assim, eu faço várias coisas. Por exemplo, com os alunos de Medicina, já tenho um projeto há mais de um ano, já tive dois projetos, tanto um de acesso e cuidado integral à população de lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, no município de Macaé, tentando entender um pouco essa questão da produção do cuidado em saúde, quanto agora já tem mais ou menos um ano, um ano e meio que eu estou com um trabalho no campo da violência, então eu tenho um trabalho de mortalidade feminina por causas externas. Então só aí eu tenho mais de 10 alunos, 12 a 13 alunos tanto do curso de Medicina quanto do curso de Enfermagem. Eu acho que pra dentro da academia uma das minhas maiores militâncias é justamente levar para o campo da saúde, que é um campo que tem muita dificuldade na abordagem das questões de gênero, por causa da força que a biologia tem na determinação ou na tentativa de determinar a sexualidade, eu tenho feito um pouco isso. Agora, eu tenho uma outra vida que excede isso daí, eu tenho uma militância muito grande, tanto com o movimento LGBT quanto com os movimentos transexuais, com o movimento de mulheres, mas sem ser filiada a nenhum lugar institucional, então assim eu tenho uma agenda que vai transitando, porque pra mim tem um porosidade entre a academia e a militância. Todo saber pra mim é antes de tudo um saber que tem que ser militante, é um saber que tem que ser implicado., Se ele é um saber que só serve para a ciência, para o mundo da representação, da academia, ele não serve pra mim. Porque antes de tudo pra mim o conhecimento vem das práticas sociais, da produção da vida, da produção da existência, então é um pouco por aí, né?

SC: Isso. Então, a próxima pergunta seria como o que levou você a ter interesse por essa atuação na militância. O que na sua vida pessoal, a sua infância, a sua formação universitária, como que você foi entrando na militância?

MFLS: Ah, assim, tem muito a ver, acho que, com a forma com a qual a gente se inscreve no mundo. Eu sou sergipana, eu moro aqui no Rio, hoje eu estou aqui dando aula na federal do Rio de Janeiro, mas eu nasci em Aracaju, que é a menor capital do menor estado brasileiro. Um lugar assim, que sempre foi durante muito tempo muito provinciano, um lugar muito conservador, um lugar de uma aristocracia muito forte e de alguma maneira na minha vida sempre me opus a qualquer forma de opressão, fosse opressão econômica, fosse opressão de gênero, fosse opressão sexual, fosse opressão étnica/racial... Então muito jovem eu militei, fiz parte de alguns partidos, fiz parte do Partido Comunista num certo momento, Socialista num certo momento também, do PT, mas toda a minha vida foi sempre nisso, isso me levou a fazer o curso de Ciências Sociais. Então eu entro dentro do curso de Ciências

Sociais na Federal de Sergipe, e desde então, e já no curso de Ciências Sociais o meu interesse já era por temas naquele momento - isso era 1996, 1997 - era por temas que não eram os temas de excelência da academia. Por exemplo, meu trabalho em Aracaju, na Federal de Sergipe, foi o primeiro trabalho sobre as travestis na cidade. Então assim, é o primeiro trabalho, era uma etnografia, então desde aquele momento eu já tinha uma relação com várias pessoas lésbicas, já namorava inclusive mulheres naquele momento, já tinha relações afetivas com mulheres com 15, 16 anos, então isso tudo vai marcando a minha vida naquela cidade e toda minha trajetória foi construída, mais uma vez dizendo, nesse trânsito entre a minha própria vida, a vida das pessoas que estavam muito próximas a mim. Naquele momento tinha muito assassinato, ainda tem hoje, mas eu me lembro de toda a minha adolescência e toda minha juventude convivendo com inúmeros assassinatos de pessoas muito queridas. Então a cada assassinato, a cada violência era pra mim um incômodo e eu acho que essa coisa de não aceitar nenhum tipo de opressão, achar que qualquer coisa que oprima o outro, o direito do outro poder ser ele mesmo, tem muito a ver com minha formação e isso me acompanha desde sempre, não dá pra dizer quando isso começa. Poderia dizer que desde quando me entendo por gente eu realmente tenho uma, como eu poderia dizer, um incômodo e um movimento muito grande contra qualquer forma de opressão, principalmente as opressões de gênero, as opressões sexuais, raciais, então tudo isso tem sido a minha vida desde então, e eu tenho inúmeros espaços de militância, faço militância na luta antimanicomial, por exemplo, que é uma coisa que está presente na minha vida, faço militância pelo direito à cidade, faço militância contra a retirada compulsória de pessoas por causa da questão do crack, então tem muitas agendas, não tenho uma agenda específica de militância, eu costumo dizer que qualquer coisa que afronte a vida é pra mim uma agenda de militância, uma agenda a que a gente tem que estar muito atento, e se posicionando.

SC: E aí você dentro do seu espaço, do bairro onde você cresceu, antes de chegar na universidade, já tinha alguma influência, você sempre se sentia revoltada com a injustiça social, a opressão, mas tinha alguém que você via como modelo, tinha algum grupo no bairro, na sua família?

MFLS: É, então, acho que a gente tem inúmeras influências que perpassam a vida da gente, né. Eu acho que desde leitura, de família não, a minha família é uma família muito conservadora, né, eu era sempre aquele elemento estranho na família, mas eu acho que tem várias influências né, eu acho que ler coisas como O Diário de Anne Frank, por exemplo, que foi um livro que me marcou muito, ler coisas como...

SC: Isso já na adolescência?

MFLS: Na adolescência, depois tem uma influência muito grande, por exemplo, da música do Cazuza, do Legião Urbana...

SC: Isso nos anos 80 né?

MFLS: Isso, nos anos 80, algumas leituras, é, algumas leituras, algumas leituras inclusive marxistas, até certo ponto, né... Mas é interessante porque quando eu descobri o que era o stalinismo, tive uma reação também de muita raiva, e eu acho que naquele momento

começou um problema meu de não me deixar sujeitar mais por nenhuma instituição. Por exemplo, eu não poderia partilhar de um lugar que de alguma maneira achava o pensamento do Stalin interessante, porque pra mim não há nada que possa defender o pensamento stalinista, por exemplo, pelo grau de atrocidade do Stalin em nome do poder, do poder comunista ter destruído as pessoas. Então eu faço uma ruptura, naquele momento eu era da União da Juventude Socialista e do partido do PCdoB, naquele momento aquele lugar não servia.

SC: Quando foi isso?

MFLS: Eu devia ter 18, 16, 17 anos, não servia para mim. Um lugar que de alguma maneira, naquele momento, tomava esse pensamento, que é o pensamento do stalinismo, pensamento do Stalin, como um lugar, ele pra mim não servia. Estou dando isso como exemplo, porque depois nenhum lugar que tivesse qualquer pensamento que tivesse uma conotação fascista, logo logo eu saía dele... Então sempre assim, eu ia para a reunião de alguns movimentos negros, ficava muito incomodada, ia para a reunião do movimento gay, também ia me dando um certo incômodo, então quando começava o processo de aparelhamento, processos de determinados grupos ou pessoas quererem usar da voz ou de uma suposta verdade na opressão do outro, eu sempre caía fora desses lugares. Eu não estava, como eu não estou até hoje muito a fim de nenhum lugar como esse. Se eu não estava a fim naquele tempo, se naquele tempo, há vinte anos atrás não me capturou, hoje não me captura mais, então assim, por isso que eu digo, eu não estou presa a nenhum lugar, não sou de nenhuma entidade, não sou de nenhuma organização, eu sou de vários lugares, desde que esses lugares prezem pelo respeito pela multiplicidade, eu diria assim, eu acho que tem muito, como diz o Foucault tem muito micropoder e muito microfascismo, inclusive nas práticas que muitas vezes se colocam como libertárias. Eu acho que um pouco disso tem sido um sinalizador na minha vida, para não me deixar ser capturada por esses espaços, eu não quero estar dentro deles, eles não me fazem bem.

SC: E você pode dar algum exemplo de um movimento de que você estava próxima, você mencionou o movimento negro, o movimento LGBT...

MFLS: Eu acho que vários, vários, movimento gay, algumas reuniões que eu ia, isso há muito tempo atrás, eu tinha vinte e poucos anos, né, algumas vezes o movimento negro... Depende, eu acho que isso está em todo lugar. Claro que não é assim, tem pessoas que conseguem lidar bem nesses espaços, conseguem fazer desse micropoder um lugar de muita produção, talvez que eu não tenha muito jeito de lidar com isso, né, e não estou dizendo que esse lugares não são lugares com grandes potências, acho que se não fossem esses movimentos, eles têm um grande papel na história da conquista dos direitos, é assim, é inegável, não é isso que está em jogo, mas eu acho que quando a gente vai para dinâmica das instituições, ela de alguma maneira não me toma, não me pega, apesar de eu ter o maior respeito, e ter várias pessoas, vários amigos e amigas que fizeram e fazem muita diferença nesses espaços aí, né. Eu estou falando de vários, várias entidades, várias organizações, dou o maior apoio a isso, apesar do meu caráter ser esse caráter mais rizomático, mais 'solto', né, de outras militâncias, de outros espaços, eu vou a qualquer espaço que me convidem, por exemplo, eu sou capaz de estabelecer um debate com qualquer lugar.

SC: Sim, você então veio de Sergipe, para pós graduação, você se formou lá?

MFLS: Não, então, eu me formei lá, me formei em 2000, e em 2000 mesmo eu passei no mestrado em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco, e eu fiz o mestrado, estudei cinema e gênero e naquele momento eu já me...

SC: Era que departamento, era Antropologia?

MFLS: Era, Antropologia Cultural da Universidade Federal de Pernambuco. Naquele momento já me chamava atenção a questão da transexualidade...

SC: Que você fez a graduação, a monografia da graduação?

MFLS: Sobre as travestis. Naquele momento ainda era 2000, o tema da transexualidade ainda era muito incipiente no Brasil, e assim, me chamou muito atenção, eu acabei estudando cinema, eu fiz uma dissertação de mestrado que tem a ver com cinema e gênero, eu estudei o cinema do Almodóvar, por exemplo. Mas depois do mestrado, que eu voltei para Aracaju, o tema da transexualidade de alguma forma... ele me perseguia muito. E o que mais me deixava indignada era como é que transformaram uma experiência, que é a experiência do gênero, que é uma experiência histórica, performativa, autodeterminada, em uma doença. Eu era e sou inconformada com isso. Por que é que se transformou isso numa patologia, por que alguém para se produzir, nascer sobre um determinado sexo, ou declarado que é macho ou fêmea, e a sua construção não estava de acordo com aquela marca, imposta pela biologia, tinha que necessariamente ser patologizado. Então tinha um pavor a isso muito grande, tinha uma crítica muito grande a isso, e fiz um mergulho profundo na produção desse dispositivo, que vai pegar, durante o século XX, a produção dos modos de vida transexuais e transforma-los num DSM, num diagnóstico de saúde mental, psiquiatrizado, então isso tem sido uma agenda que eu me aproximei muito, ela foi muito forte no doutorado, fiz várias entrevistas, e hoje eu não estou mais estudando esse tema, eu tenho saído um pouco desse campo. Eu tenho me preocupado com outras questões, eu tenho agora pensado no pós-doutoramento que eu estou me organizando agora para fazer, estudar um pouco das relações ou dos discursos e práticas não monogâmicas, que seria um pouco me voltar para a discussão da família, do parentesco, da reprodução sexual, social, e se essas novas reorganizações discursivas não monogâmicas, elas de alguma maneira desestabilizam ou não a heterossexualidade, por exemplo, e a monogamia, então tem um outro lugar que eu tenho aberto, hoje eu faço muita militância, no movimento transexual, mas eu acho que as transexuais e os transexuais, no meu tempo, eu me lembro, eu não consegui, entrevistei só um homem transexual, hoje eu tenho inúmeros amigos homens transexuais. Eles se tornaram, por exemplo, bem mais visíveis, e muitos hoje são...

SC: Porque as mulheres eram sempre mais visíveis.

MFLS: Mais visíveis, e hoje a maioria deles e delas protagonizam sua própria história. Então hoje, por exemplo, o movimento transfeminista é um movimento extremamente interessante na agenda feminista, né. Então essas pessoas têm ocupado, eu tenho, por exemplo, um aluno transexual, que é mestrando no programa do qual eu faço parte, então

essas pessoas elas foram se visibilizando, se tornando mais visíveis e foram sendo portavozes das suas próprias experiências de vida. Hoje a minha comunicação é muito na militância, então eu conheço inúmeras pessoas e essa agenda, vou chamar de uma agenda da militância trans, é hoje uma das principais agendas, em que eu milito paralela às outras, paralela à agenda étnico-racial, paralela à agenda das mulheres, paralela à agenda, por exemplo, da autonomia do corpo, do parto natural, da violência obstétrica, então são muitas coisas, né, da loucura, né, de como a gente tem lidado com isso, do uso de drogas, por exemplo, então são muitas agendas que perpassam hoje a minha vida.

SC: Uhun, e você, quando fez o doutorado sobre o movimento transexual, era o movimento, como você falou, ou era prática...?

MFLS: Não, na verdade eu fiz uma discussão sobre como se produziu esse dispositivo, como foi que foi produzida essa ideia.

SC: Do transexual.

MFLS: Da transexualidade enquanto uma disforia de gênero, por exemplo, enquanto transtorno de identidade, em certo momento, e hoje como uma disforia. E aí eu entrevistei vários e várias, bem mais várias transexuais, que estavam ligadas ao serviço de saúde. E recentemente eu fiz um outro trabalho, que vai sair agora em um livro, publicado pela federal da Bahia, também vou apresentar agora na Reunião Brasileira de Antropologia, que é uma das últimas coisas que eu estou fazendo no tema na transexualidade, que foi mais com os homens transexuais, sobre o uso da testosterona. Então sempre teve essa dobra também com a saúde, com a saúde não no sentido da ausência de doença, mas a saúde no sentido de uma visão muito ampla, saúde como produção de vida, e o cuidado como aquele cuidado que o Foucault fala, esse cuidado de si, essa experiência que as pessoas estão tendo com elas na relação com os outros. Isso são temas que têm me instigado muito, então sempre, de alguma maneira, eu tenho atravessado o campo da saúde e outros campos também muito iluminada por essas questões aí, são elas que me movimentam, que me fazem ir para a rua, me fazem ir para os espaços de militância, por aí vai.

SC: E isso foi no Rio de Janeiro, o doutorado?

MFLS: Então, foi no Rio de Janeiro, em 2005. Eu vim numa jornada aqui, eu tinha preparado dois projetos, um para ser submetido à federal de Santa Catarina, e um outro para ser submetido aqui ao IMS, foi aqui no IMS, no Instituto de Medicina Social, que eu conheci a Márcia Arán, que infelizmente faleceu, ela faleceu em 2011.

SC: Ela era professora?

MFLS: Com 46 anos, de um câncer de mama, era uma pessoa fantástica, além de professora, era uma feminista, eu acho que foi uma pessoa que teve uma importância muito grande na produção dos estudos sobre a transexualidade aqui no Brasil. Então eu vim, em 2006 eu passei no doutorado, e fiz uma formação bem interessante, no doutorado eu tive muito acesso à discussão da Judith Butler, discussão sobre a questão da vida, eu aprofundi muito o meu campo de conhecimento nos estudos do pensamento do Foucault... Então assim, em

2010 eu defendo o doutorado, em março, abril de 2010, e volto para Aracaju, e nesse ínterim eu presto concurso, e sou aprovada, e no final de 2010, eu estava vindo embora para aqui pro Rio, eu e minha companheira, que mora aqui comigo, e o cachorro, e o gato, o gato já morreu inclusive, não está mais vivo, a gente veio embora para o Rio. E assim, desde 2010 eu estou aqui no Rio, dando aula, e faço outras coisas, faço parte também de uma pós-graduação, na verdade de um grupo, de um coletivo de pesquisa, chamado Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, que é um grupo muito interessante, com muitas agendas de militância, na vida, uma agenda também de luta antimanicomial, uma agenda muito contra as internações compulsórias de pessoas usuárias de crack, acho que toda essa política que tem, de alguma maneira, colocado a vida numa dimensão de precariedade, né, produzindo, eu acho que isso me interessa muito, e aí são várias agendas, a agenda das favelas, e por aí vai.

SC: E como você vê esse... que me parece que você está descrevendo uma variedade de atividades e áreas de interesse, mas a maior parte tem a ver com a sexualidade. Como que você vê essa militância, para o direito dos trans, para direito da saúde, para o direito de mudar o corpo, em torno da liberdade de cada um, como você vê isso no contexto da história do feminismo no Brasil?

MFLS: Certo, então, eu acho que, de alguma maneira, é realmente isso, o tema do gênero, o tema da sexualidade, ele vai atravessando as minhas inquietações. Eu acho que muita coisa mudou, do tempo do meu doutorado pra cá, algumas coisas mudaram, mas muitas conquistas ainda precisam ser feitas. Falar da agenda do feminismo no Brasil, eu acho assim, o Brasil ele tem uma característica que é muito singular, né, primeiro a sua característica de extensão territorial, e de multiplicidade que a gente tem aqui, a gente tem uma multiplicidade, então tomar o que é o movimento feminista por exemplo, quais são os movimentos, eu sempre falo movimentos feministas, porque não tem um movimento feminista.

SC: É, inclusive o nome do projeto é ‘feminismos’.

MFLS: É, então tem vários movimentos, várias expressões, ultimamente eu tenho observado nas redes sociais uma renovação, muito, de um feminismo jovem, mas eu também acho que tem muitas coisas que aparecem sob a bandeira do feminismo, que são extremamente complicadas. Às vezes muitas agendas que são atravessadas por pautas com muita dificuldade de abertura para diferenças, de abertura para alteridade, muitas agendas radicais e tensas, às vezes a desqualificação de um determinado grupo, assim são inúmeras coisas, então não dá para falar do que é o movimento feminista no Brasil. E eu acho que tem uma tensão com a transexualidade muito grande, de alguns movimentos, de alguns lugares.

SC: Uma tensão entre os movimentos?

MFLS: Uma tensão entre os movimentos feministas e o movimento transfeminista, que tem aparecido com muita força, hoje as mulheres transexuais e transfeministas elas ocupam uma agenda extremamente interessante.

SC: Desde quando, quando você diria que começou?

MFLS: Acho que mais menos há uns dois ou três anos isso tem ganhado uma força muito grande.

SC: Então isso depois que você escolheu estudar esse tema.

MFLS: É, tanto é que a agenda por exemplo da Marcha das Vadias tem sido, por exemplo, eu estou acompanhando a daqui do Rio, e acompanho também outros debates, em São Paulo, tem sido a incorporação, a presença muito grande das mulheres transexuais. Mas eu acho que tem muita tensão, e tem muito movimento, então, assim, não dá para falar o que é o movimento feminista. Eu vejo mais o feminismo como uma força, e uma forma de estar no mundo, uma forma de se inscrever no mundo, a minha visão de mundo e a minha forma de estar no mundo é uma forma feminista, no sentido de que qualquer opressão de gênero, sexual, ela me toca e me aventa imediatamente, eu tenho uma posição de reação não só individual ou coletiva, eu acho que isso é jeito de estar no mundo, é uma escolha de estar no mundo, sem necessariamente se vincular a nenhuma tendência. Eu gosto das feministas mais pós críticas, eu tenho lido bastante, tenho me aproximado muito mais das latinoamericanas, por exemplo, as feministas negras também, eu acho que tem uma agenda enorme de produção que ajuda a gente a pensar muito, como foi que se produziu, como tem se produzido essa, mais do que uma opressão, tem uma palavra que eu gosto muito: essa assimetria, né, como é que uma diferença, que na verdade pra mim tem muito mais, tem uma assimetria muito forte, e que legitima muito a desigualdade. Como é que a gente, a grande questão é essa, como é que a gente transformou as diferenças em desigualdade, e faz dessa desigualdade um exercício de opressão. Isso é o que me faz ser feminista, é me indignar com essa assimetria e buscar a construção de possibilidades mais simétricas, que não quer dizer possibilidades iguais. Tem diferenças entre igualdade e simetria né, porque a igualdade, a simetria, antes de tudo ela pressupõe a diferença, então esse tema da diferença também, que é o tema das alteridades, é um tema que é inseparável de mim, não consigo descolar ele da minha forma de estar no mundo, não só enquanto pensamento, mas enquanto ao futuro também, então acho que tem muito a ver com isso também.

SC: Mas você acha que ao longo do movimento feminista no Brasil, nas últimas décadas, houve mudanças, houve conquistas, e surgiram novas questões, como que você vê?

MFLS: Sim, claro, lógico, os próprios movimentos, eles estão em devires constantes, hoje a gente tem uma multiplicidade, como eu já falei, dos movimentos, tem movimentos de muitas mulheres jovens, meninas aí com 18, 17, 19 anos emergindo nos espaços acadêmicos ou fora deles, muita organização de mulheres negras, jovens inclusive, fazendo militância, o próprio movimento transfeminista é um movimento que vem tensionar e alargar as fronteiras dos movimentos feministas no Brasil. Óbvio que tem uma agenda né, super interessante, que é geracional, que vai congregando várias gerações, que vai congregando várias pessoas de diferentes experiências. Eu tenho cruzado ao longo da minha com as mais diferentes pessoas, desde pessoas que estão em espaço mais institucionalizados da militância, dentro de determinados grupos, segmentos, ou até pessoas que estão mais rizomáticas como eu, mais soltas, é óbvio que tem uma multiplicidade dentro da academia, essa dobra mais uma vez, entre a academia e fora da academia, , eu acho que tem um monte... Então várias coisas mudaram obviamente, mas

também a gente tem agendas extremamente urgentes ainda, e muito caras para gente, a agenda do aborto por exemplo, é uma agenda cara para gente, é uma pauta que já passou de extrema urgência. O que a gente tem já dito e discutido sobre o número de mulheres que morre, e aí é uma questão mesmo também de saúde pública, de saúde coletiva mesmo, por questão de formas inseguras de abortamento, e a gente tem problemas de notificação do abortamento legal, por exemplo. Então tem uma tensão, há também a presença de uma bancada evangélica extremamente forte, o Brasil tem muita dificuldade de fazer o enfrentamento dessas agendas, e não tem sido uma coisa que tem sido levada nos últimos anos como um elemento importante na agenda política. Assim, eu acho sinalizador a gente ter um investimento muito grande, por exemplo, nas redes de atenção a saúde, que tem que ser investido mesmo, por exemplo na Rede Cegonha, e não ter um movimento de produção, tanto de políticas quanto de investimento de recursos em outras agendas que tocam a mulher, que não tocam só a maternidade, que é extremamente importante. A mortalidade feminina é um problema grave, não é isso que eu estou dizendo, mas são agendas muito focalizadas, e as agendas que, infelizmente - não deveriam trazer - provocam uma dimensão moral e trazem muitas vezes valores que são tomados pelos movimentos religiosos de forma extremamente preconceituosa e dura; tem sido muito difícil fazer esse enfrentamento. Nossa, essas agendas são urgentes.

SC: Agora, interessante, porque os últimos dois governos do Lula, que foi reeleito e agora no da Dilma, que são do movimento do PT, um movimento do partido que você se filiou, não sei se você está filiada, o que você acha da atuação desses governos, você está falando sobre políticas públicas que foram criadas pelo PT.

MFLS: Então, não, eu nunca fui do PT na verdade, eu nunca fui filiada, porque hoje é muito difícil... Também acho muito difícil falar o que é esquerda e o que é direita. Mas se é possível dizer que há uma esquerda, eu sempre fui essa esquerda. Toda a minha vida, os meus votos, as minhas militâncias, inclusive em alguns momentos de campanhas políticas para determinadas pessoas com quem em algum momento eu tive ou tenho afinidade eu até fiz. Mas eu nunca me filie, eu nunca fui de nenhum setorial de PT, etc e tal. Naquele momento também eu já não estava mais a fim... No governo do Lula a gente teve coisas muito interessantes, o programa Brasil Sem Homofobia, as agendas avançaram muito. Por algo paradoxal, né, contraditório, que eu acho que precisa ser pensado de várias formas, e aí eu não tenho uma dimensão para mim de julgamento, essa agenda endureceu muito no governo da Dilma.

SC: Apesar de ser a primeira mulher presidente.

MFLS: É, apesar de ser uma mulher, ela teve quase... a gente poderia dizer que ela paralisou, literalmente. Infelizmente algumas agendassão agendas políticas, extremamente interessantes - e não é uma critica minha a essas agendas - agendas inclusive que eu partilho de simpatia, como a agenda do Mais Médicos por exemplo, que pra mim é uma agenda que poderia dizer, independente de se eu sou a favor ou contra, não vou me colocar nisso, mas pra mim é uma agenda que faz uma coisa que eu acho super interessante que é tensionar o ethos médico, e o poderio que esse grupo tem, né, haja vista a própria história do que significa a produção da Medicina enquanto campo de poder e de saber sobre os corpos. Eu acho que isso traz uma desconfiguração, mas são agendas muito focalizadas, e

muita agenda que afeta a vida imediata das pessoas... é urgência, elas não têm sido levadas em consideração e elas não são relevantes nas agendas atuais, elas estão muito endurecidas, com muita dificuldade de serem feitas, com pouco investimento. As pessoas vão produzindo na periferia, inclusive na periferia do recurso, porque a maioria dos recursos com certeza estão alocadas nessas grandes políticas. Então quem está, quem tem essa agenda, quem acredita ainda muito, eu tenho certeza que essas pessoas estão numa pressão muito grande e em uma escassez de recurso para produzir mudanças nessas agendas aí, então eu acho que tem que pensar um pouco sobre isso. Está difícil, não está fácil.

SC: Então, para fechar, como você vê o futuro do movimento, se você poderia dizer assim, como guarda chuva, os movimentos feministas no Brasil, os movimentos para liberação, contra a opressão sexual, em que direção você vê esse movimento sendo conduzido?

MFLS: Então, eu acho que tem uma pulverização bem maior, eu não tenho a menor dúvida, né, isso aí está ligado às redes sociais, às redes midiáticas. Se a gente for olhar hoje, por exemplo, se entrar dentro de alguns lugares, com o Facebook, por exemplo, ou outras redes e mídias digitais, vocês vão ver um enorme número de grupos de diferentes militâncias. E às vezes vão cruzando essas agendas de luta, porque elas não estão indissociáveis. Eu vejo isso como algo extremamente positivo, porque isso vai também revelando a multiplicidade que, se for muito bem produzida, é possível tirar muita potência disso daí. Mas eu acho que também traz muitas tensões, tem uma tensão também, porque também tem muita disputa de objetos, tem muita disputa de marcos conceituais, tem muita... e acho que mais uma vez o velho Foucault, quando vai colocar a questão do micropoder, o Foucault vai dizer uma vez em um texto que ele fez para *O Anti-Édipo* do Deleuze, uma das coisas que ele diz é: não caia de amores pelo poder, e esses micropoderes eles são muito pulverizados nesses movimentos. Eu acho que essa disputas bem potencializadas podem produzir coisas muito interessantes, que é uma abertura inigualável para a diferença e para multiplicidade, mas eu acho que precisa tomar o cuidado para não cair em uma reprodução fascista, que produza também muitas vezes a exclusão do outro. Eu acho que esses movimentos precisam estar muito atentos, estar discutindo, estar se repensando, estar se propondo a essa abertura, mas realmente é uma agenda inigualável. Quando eu me lembro do meu tempo, às vezes eu brinco, eu digo que eu queria ter 20 anos a menos, no meu tempo as coisas era muito mais estanques, tinham poucas linhas de fuga, era mais estanque.

SC: No seu tempo, quando? O seu tempo também é agora, (rs) tempo da faculdade?

MFLS: É agora, mas quando eu tinha 20 anos, 18, tinham os partidos políticos, as uniões da juventude, um ou outro, isso também tem a ver com o lugar que eu nasci, mas era muito... Hoje a possibilidade de linhas de fuga se produzem num instante, numa velocidade muito grande, isso pra mim é algo muito interessante.

SC: Pelo seu comentário percebo que você está vendo muita esperança nessa renovação do feminismo, ou dos movimentos, pela juventude, porque você falou assim, no meu tempo de 20 anos...

MFLS: Sim, eu sempre tenho uma certa esperança, que não é essa esperança religiosa nem cristã, eu sempre digo que eu tenho esperança do presente. A esperança para mim é esperança do acontecimento do presente. Eu acho que quanto mais, a gente tem agendas muito... porque também tem ao mesmo tempo, o machismo vai se tornando mais visível, a violência contra a população LGBT está aí, a todo instante de diferentes formas... Então assim, os desafios cotidianos, então as esperanças são cotidianas também. Eu não tenho esperança de um futuro, porque pra mim, eu não tenho um futuro, futuro é o presente, eu tenho a esperança no presente, eu acho que isso é o que me move, ter esperança no presente. O presente é: eu hoje estou viva, tem muita assimetria hoje, então hoje tem muitas esperanças das coisas serem feitas. Nisso que eu acredito, que a esperança é o que está movimentando a gente, mas não uma esperança de um nostálgico, de um futuro onde tudo vai ser igual e o mundo vai ser sem opressão. Eu acho que a gente pode brigar por condições cada vez menos assimétricas, mais simétricas, de mais produção da diferença, mesmo que às vezes o mundo aponte para coisas ao contrário do que eu estou dizendo, né, eu acho que tem um pouco a ver com isso também.

SC: Eu acho que disse tudo, foi muito legal, obrigada.

MFLS: Está ótimo!